



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS: PORTUGUÊS E INGLÊS

SIMONE DA SILVA QUEIROZ

**O FEMINISMO DE CHIMAMANDA NIGOZI ADICHIE ENUNCIADO
NA VIDA E NA ARTE SOB PERSPECTIVA DIALÓGICA**

SERRA TALHADA -PE

2022

SIMONE DA SILVA QUEIROZ

**O FEMINISMO DE CHIMAMANDA NIGOZI ADICHIE ENUNCIADO
NA VIDA E NA ARTE SOB PERSPECTIVA DIALÓGICA**

Artigo submetido ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras como requisito para
obtenção do grau de licenciada em Letras
Português e Inglês pela Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica
de Serra Talhada.

Orientadora: Profa. Dra. Bruna Lopes
Fernandes Dugnani

SERRA TALHADA -PE

2022

O FEMINISMO DE CHIMAMANDA NIGOZI ADICHIE ENUNCIADO NA VIDA E NA ARTE SOB PERSPECTIVA DIALÓGICA

Simone da Silva Queiroz¹
Bruna Lopes-Dugnani²

RESUMO: O artigo objetiva identificar e compreender como o posicionamento feminista da Chimamanda Ngozi Adichie se materializa nas obras teóricas “Sejam todos feministas” (2015), “Para educar crianças feministas: um manifesto” (2017) e no conto “You in America” (2001). Para isso, fundamenta-se teórico-metodologicamente na perspectiva bakhtiniana de linguagem. Para além dos pressupostos teóricos do círculo bakhtiniano, o trabalho também está ancorado na crítica feminista (como: HOOKS, 2018; DAVIS, 2016 etc.). Os critérios de seleção do *corpus* foram: uma autora feminista contemporânea em produção de textos ficcionais e não-ficção que incidissem sobre o feminismo. Coerentemente com a perspectiva bakhtiniana, a abordagem do *corpus* seguiu os passos metodológicos de descrição, análise e interpretação. Assim, descreveu-se, analisou-se e interpretou-se as obras não-ficcionais à luz dos estudos feministas. Essa primeira etapa permitiu a compreensão de qual era o posicionamento da feminista enunciado pela Chimamanda Ngozi Adichie nessas obras. Posteriormente, descreveu-se, analisou-se e interpretou-se como o posicionamento feminista da autora já se manifestava no conto ficcional. Mediante a análise, concluiu-se que a autora, embora não de forma tão explícita, já apresentava um posicionamento feminista ao trabalhar ficcionalmente com questões relacionadas aos movimentos sociais feministas. **PALAVRAS-CHAVE:** Análise Dialógica do Discurso; Feminismos; Chimamanda Ngozi Adichie; Sejam todos feministas; Para educar crianças feministas: um manifesto; You in America.

ABSTRACT: This paper aims to identify and understand how the feminist position of Chimamanda Ngozi Adichie is materialized in the theoretical works “Seamus To-dos Feminists” (2015), “Para educar crianças feministas: um manifesto”(2017) and in the short-story “You in America” (2001). For this, it is theoretically and methodologically based on the Bakhtinian perspective of language. In addition to the theoretical assumptions of the Bakhtinian circle, the work is also grounded in feminist criticism (such as, HOOKS, 2018; DAVIS, 2016; among others). The corpus selection criteria were: a contemporary feminist author, who wrote fictional and non-fiction texts that focus on feminism. In line with the Bakhtinian perspective, the corpus approach followed the methodological steps of description, analysis and interpretation. Thus, non-fiction works were described, analyzed and interpreted in the light of feminist studies. This first stage allowed the understanding of the feminist position expressed by Chimamanda Ngozi Adichie in these works. Subsequently, it was described, analyzed and interpreted how the author's feminist position was already manifested in the fictional short-story. Through the analysis of the corpus, it was concluded that the author, although not so explicitly, already presented a feminist position when working fictionally with issues related to feminist social movements.

KEYWORDS: Dialogic Discourse Analysis; Feminisms; Chimamanda Ngozi Adichie; Sejam todos feministas; Para educar crianças feministas: um manifesto; You in America.

¹ Graduanda do curso de Letras Português/Inglês da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² Orientadora e professora doutora lotada no curso de Letras Português/Inglês da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Introdução

Na história da humanidade a visão da figura feminina foi distorcida pelo sistema patriarcal, fazendo com que a mulher fosse e seja ainda vista como inferior, incapaz, não autônoma, acrítica e não reflexiva. Esses discursos sobre a mulher foram e são usados como veículos de dominação e silenciamento pela classe opressora, servindo também de base para feminicídios ao longo dos séculos.

É notório que esses paradigmas sociais ainda estão vivos nos discursos sexistas/machistas atuais, recentemente, tivemos um caso que mostra o quão forte são essas ideologias e como esses problemas sociais ainda existem e persistem. A título de exemplo da atualidade e pertinência dos estudos feministas, tivemos o seguinte ocorrido: na semana em que é comemorado o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, no ano de 2022, Arthur Moledo do Val, deputado paulista brasileiro, mais conhecido como “Mamãe falei”, teve seus áudios vazados na *internet*, o que causou uma grande revolta [inter]nacional. Nos áudios, o parlamentar proferiu falas sexistas e discriminatórias sobre as mulheres ucranianas refugiadas e policiais, mulheres que estão vivendo em um contexto de guerra. A declaração do deputado nos mostra o quanto essas tensões sociais são atuais e impactam diretamente essa classe, pois ele objetifica e minimiza essas mulheres, mostra como o “ser mulher”, na visão do patriarcado, é algo que está associado a uma cultura que marginaliza e subalterniza esses sujeitos. Muitas parlamentares se pronunciaram repudiando a atitude do político, manifestações contra do Val foram enviadas ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Alesp e o ele teve seu mandato cassado em maio deste ano. Ou seja, os feminismos e as lutas por uma sociedade mais igualitária começou há muitos anos e permanecem necessários nos dias de hoje.

Nesse sentido, compreendemos que, por muito tempo, as mulheres lutaram contra esse sistema opressor, mas era uma luta silenciosa, pois quem ia contra ele, na maioria das vezes, acabava morta. Elas começaram a ganhar espaço nessa batalha quando perceberam que não existe vitória sem luta, que para serem “vistas” precisavam se unir. Assim, elas se posicionaram contra esse sistema, esse posicionamento social em prol da igualdade /equidade de gêneros teve seu ápice na Primeira Onda do movimento feminista, em Londres, no século XIX.

Inseridas na luta e na busca da compreensão dos feminismos, as autoras escolhidas para compor o arcabouço teórico deste trabalho foram: Chimamanda Ngozi Adichie (2001; 2012; 2015; 2017, entre outras obras); Angela Davis (2016); Bell Hooks (2018) e Guacira Louro (1997). Essas autoras explicitam, através das suas teorias, como esses mecanismos de opressão social são enraizados e perpassados nas diferentes esferas sociais. Seus trabalhos mostram como

o “ser mulher” é uma construção social que se enraíza, principalmente, na linguagem e pela linguagem, na cultura, na binaridade do gênero e outras questões. Elas perceberam que existem teias dialógicas estruturadas socialmente nesses enunciados opressores que perpetuam essas ideologias dominantes sexistas.

No intuito de entendermos esses enunciados que inferiorizam, oprimem e silenciam o sujeito feminino, e a luta contra eles, lemos, entre outros estudos: i) trabalhos do círculo bakhtiniano, que nos permitiram, mediante sua concepção de linguagem, compreender a relação entre linguagem, sujeito, sociedade e posicionamentos sociais; ii) obras não-ficcionais e ficcionais da escritora feminista Chimamanda Ngozi Adichie. A escolha por essa autora deveu-se por ser uma das escritoras e teóricas mais aclamadas da contemporaneidade, cujo o trabalho aborda questões de desigualdade de gênero, resgate identitário e cultural, racismo entre outros. Destacamos ainda que suas obras visam quebrar esses discursos de inferiorização da figura feminina e, com isso mostrar que todos somos iguais, independentemente do gênero.

Após a realização dessas leituras, estabelecemos como objetivo: identificar e compreender como o posicionamento feminista da Chimamanda Ngozi Adichie se materializa nas obras teóricas “Sejamos todos feministas” (2015), “Para educar crianças feministas: um manifesto” (2017) e no conto “You in America” (2001).

Para compreendermos como a autora se posiciona nessas tensões sociais, analisamos as obras teóricas “Sejamos Todos Feministas” (2015) e “Para Educar Crianças Feministas: Um manifesto” (2017). Para, na sequência, investigarmos como o posicionamento feminista da autora já se refletia no seu trabalho ficcional, ainda que ela não tivesse se manifestado publicamente enquanto feminista naquela época. E como essas tensões sociais aparecem nos conflitos dos personagens da autora, assim, observamos a representação social do sujeito feminino nas suas obras ficcionais, especificamente, o conto “You in America” (2001). Para cumprir com o que foi exposto, o estudo foi feito a partir dos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso.

Posto assim, a pesquisa está estruturada em cinco seções. Na primeira seção, “O Círculo bakhtiniano, sua compreensão de sujeito, discurso e signo e a recepção no Brasil”, introduzimos brevemente o Círculo Bakhtiniano, a recepção da sua obra no Brasil e os conceitos-chave da Análise Dialógica do Discurso. Sendo assim, explicamos os principais conceitos desses estudos: que consideram que o texto (ou na terminologia mais corrente na perspectiva bakhtniana, o enunciado concreto) tem uma “linguagem viva”, materializada, que acontece através das comunicações que estabelecem relações de sentido, sentidos que são discursivos. Essa concepção de enunciado também contempla que há sujeitos que os produzem, sendo esses

históricos-sociais, e que os enunciados são carregados de valores ideológicos. Com isso, explicitamos como esses estudos contribuem para a compreensão do posicionamento feminista da autora nas suas obras teóricas. E, posteriormente, como esse dado posicionamento já se manifestava na sua obra ficcional, mais especificamente, no o conto “You in America” (2001), de publicação anterior às obras teóricas que também compõem o *corpus* desta pesquisa. Na segunda seção, “Feminismos: história, lutas e desafios”, apresentamos um sintético apanhado histórico do surgimento do movimento feminista, da emergência de uma literatura feminina/feminista e como a escrita dessa literatura contribui com a quebra do silêncio do sujeito social feminino. Na terceira seção, “Procedimentos metodológicos com vistas ao feminismo de Chimamanda Nigozi Adichie”, detalhamos os critérios de seleção do objeto deste estudo e os procedimentos dialógicos para a abordagem desse *corpus*. Na quarta seção, “O feminismo enunciado por Adichie em suas obras de 2001, 2015 e 2017”, em conformidade com a perspectiva bakhtiniana, descrevemos, interpretamos e analisamos as obras não-ficcionais da autora, o que permitiu que chegássemos ao posicionamento feminista da Chimamanda Nigozi Adichie. Nessa mesma seção, também descrevemos, analisamos e interpretamos o conto “You in America”. Com vistas a entender as tensões vivenciadas pela personagem do conto, que representam, na ficção, as opressões vivenciadas pelos sujeitos sociais femininos na sociedade.

1. O Círculo bakhtiniano, sua compreensão de sujeito, discurso e signo e a recepção no Brasil

Segundo Brait e Campos (2009), o círculo de Bakhtin é um grupo de estudiosos de diferentes áreas de pesquisa que atuaram em uma época de grandes conflitos políticos e sociais na Rússia Czarista do século XIX. Nesse período, os desníveis sociais e o autoritarismo do Czares foram os principais motivos que fizeram eclodir a formação do movimento popular e, posteriormente, o desenvolvimento da Revolução russa de 1917.

Era uma época de turbulências de movimentos políticos, estéticos e religiosos que prenunciavam a Revolução de 1917. Liam-se precocemente Karl Marx e Friedrich Engels, entoavam-se hinos revolucionários, discutiam-se Nietzsche, Baudelaire, Wagner e Da Vinci. Havia um forte envolvimento com o movimento simbolista, cujos principais representantes eram Viatchesláv Ivanov (1866-1949), Andréi Biéli (1880-1934), Aleksandr A. Blok (1880 – 1921), Dimitri S. Merejkóvski (1866-1941). Esse cenário, de intensas leituras e interesses diversificados, influenciou o desenvolvimento das reflexões bakhtinianas (BRAIT e CAMPOS, 2009, p. 19)

Para as autoras, entender o momento histórico no qual esses estudiosos estavam inseridos é de suma importância para compreendermos suas produções, já que elas foram influenciadas pelo contexto social, político, ideológico e cultural vigente. Como pontuado por Brait e Campos (2009) é necessário esclarecer que quando se emprega “pensamento bakhtiniano”, estamos abordando o pensamento desse coletivo de estudiosos e não apenas Mikhail Mikhailóvich Bakhtin (1895-1975). Assim, o pensamento bakhtiniano refere-se a

um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Sendo um homem de seu tempo, [Bakhtin] não produziu sozinho nem esteve excluído das circunstâncias benéficas e maléficas de um longo período compreendido entre as décadas de 1920 e 1970 (BRAIT e CAMPOS, 2009, p. 15).

Os mais conhecidos são: filósofo Kagan, o biólogo Kanaev, a pianista Yudina, o professor de literatura Pumpianski, o linguista Volóchinov, o professor multitarefas Medviédev e o professor de literatura e filósofo Bakhtin. Observamos que os três últimos pesquisadores são os mais estudados na área da Letras. Ponderamos ainda que a abordagem teórica e literária do círculo se diferenciava das dos outros pensadores da época, pois eles estavam interessados em criar uma filosofia da linguagem, a qual eles consideravam que era viva, para além do cientificismo pelo cientificismo, do texto pelo texto do formalismo, das regras e formas que constituíam as prescrições da academia. A partir dessas discussões teórico-literárias, eles criaram uma abordagem diferente das demais. A concepção de linguagem criada por eles está fundamentada na interação verbal, no enunciado concreto, no signo ideológico e no dialogismo. A seguir, citaremos alguns dos seus conceitos-chave:

Sujeito: o círculo bakhtiniano concebe o sujeito enquanto discursivo, levado em consideração que esse se materializa na realização de um dado enunciado concreto, em relação à alguém, circunscrito em um dado tempo-espço. Esse sujeito é formado na e pela linguagem, ou seja, ele fala de um lugar social, histórico e cultural, o que esclarece que ele é singular, mas também é formado por vários discursos anteriores e se marca naquela fala em relação a alguém. O sujeito também é formado pelos os discursos dessa outra pessoa, o que ressalta a ideia do círculo de que ele é inacabado.

Discurso: em conformidade com o viés bakhtiniano, o discurso é dialógico e carregado de valores, que perpassam o sujeito, o tempo e o espaço.

Signo: para os membros do círculo bakhtiniano, o signo é semiótico-ideológico, ultrapassando suas próprias particularidades formais ao refletir e refratar uma nova realidade de valores.

O pensamento bakhtiniano e suas concepções, como as brevemente explicitadas anteriormente, foram impactados pelo seu contexto de grandes tensões não só em sua produção, conforme apresentamos até aqui, mas também em sua circulação. De acordo com Paula e Luciano (2020, p. 2), os

embates travados pelos autores do Círculo aconteceram, ainda, sob um contexto, muitas vezes, hostil, sobretudo para as Ciências Humanas na União Soviética. Havia, à época, a censura de obras que iam contra a ideologia do Estado, como, por exemplo, textos Ocidentais, considerados de cultura burguesa; perseguições, exílios e mutilações de obras produzidas por pensadores russos eram constantes, devido a divergências com os princípios soviéticos.

Segundo Porto Boenavides (2021), a recepção das obras do círculo bakhtiniano no Brasil foi muito conturbada. Na década de 1920 apareceram exemplares das produções do círculo, mas existia o problema da tradução. Além do problema da tradução existia a questão de que as obras chegavam em momentos distintos, o que causava uma grande confusão para entender a ordem de publicação de cada uma. Assim sendo, as produções desses pensadores só tiveram destaque aqui em 1970. A autora ainda esclarece que “a pesquisadora Clara Ávila Ornellas (2010) afirma que o professor de língua e literatura russa da Universidade de São Paulo (USP), Boris Schnaiderman, foi um dos precursores das ideias de Bakhtin no Brasil”. E segue percorrendo que a recepção dessas obras foi dividida em quatro fases. A primeira era voltada apenas para os estudos literários. A segunda, em 1979, teve a edição brasileira de algumas obras. Na terceira fase da recepção, houve um aumento dos estudos do discurso embasados nas obras do Círculo de 2002 a 2011. Na quarta fase de recepção a atual:

temos as ‘traduções diretas com críticas, por exemplo, de Paulo Bezerra, Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, que além de tradutores, são estudiosos” (PAULA, 2021, s.p.), a consolidação de pressupostos teórico-metodológicos para os estudos da área, baseados tanto nas obras traduzidas quanto nos estudos teóricos e críticos e a contextualização das obras do Círculo de Bakhtin, tanto de seu contexto de produção, quanto de seu contexto de recepção. (PORTO BOENAVIDES, 2021, p. 15-16)

No que se refere ao que dissertamos nesta seção, compreendemos que é o legado que o círculo bakhtiniano deixou para as ciências humanas é extremamente importante, pois suas produções enriqueceram amplamente os estudos sobre a literatura, a linguística e as relações humanas. É a partir dessas lentes bakhtinianas, dialógicas, que nas seções seguintes buscamos o entendimento dos feminismos, do feminismo nas obras não-ficcionais de Chimamanda Ngozi Adichie e da presença desse feminismo no conto “You in America” (2001).

2. Feminismos: história, lutas e desafios

Feminismos são movimentos sociais, ideológicos, políticos e filosóficos que têm como pilares centrais as lutas pela igualdade/equidade de gêneros, pela quebra de padrões patriarcais, pelo empoderamento do sujeito social feminino, entre outras questões sociais pertinentes tais lutas. É sabido que durante a história da humanidade mulheres em diferentes épocas e espaços se rebelaram contra o sistema opressor ao qual elas estavam inseridas, mas os relatos mais conhecidos foram os que aconteceram no ocidente, como afirma Louro (1997, p. 2):

Ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes etc. vêm se preocupando em reconhecer essas ações. No entanto, quando se pretende referir ao feminismo como um movimento social organizado, esse é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX.

Ponderamos aqui que levando em consideração que o *corpus* desta pesquisa é fundamentado teórico-metodologicamente em autoras feminista ocidentais, como: Adichie e Louro, achamos mais coerente fazer um recorte temporal das lutas feministas ocidentais. Com o intuito de mostrar sinteticamente a história das Ondas do Movimento Feministas e algumas vertentes que se desenvolveram.

O primeiro movimento organizado por mulheres aconteceu no século XIX, mas, isso não quer dizer que outras mulheres, em diferentes tempos e espaços, não tenham lutado pelos seus direitos. Como afirmam Marques e Xavier (2018, p.01) “Foi na revolução francesa que as mulheres passaram a se questionar sobre sua situação de opressão, pois, nessa época, os homens lutavam em busca de cidadania e as mulheres lutavam junto a eles”.

A primeira onda ocorreu entre o fim do século XIX até meados do século XX, as mulheres reivindicavam os diversos direitos que já estavam sendo debatidos e conquistados por homens: o voto, a participação na política e na vida pública, a educação e a abolição da escravidão. O movimento era composto principalmente por mulheres brancas e de classe média, mas também por operárias e negras. Pondera-se que nessa primeira onda, as sufragistas brancas estavam mais interessadas em defenderem suas próprias reivindicações, como apontam feministas como Davis (1982).

Angela Davis, uma das mais importantes feministas contemporâneas, em seu livro “Mulheres, Raça e Classe” (1982), apresenta uma análise histórica em que aborda questões relacionadas à escravidão, do século XIX nos Estados Unidos. Nessa obra, Davis mostra como

foi a desumanização, a violência vivenciada pela população negra e os desafios enfrentados depois da abolição, centralizando em sua análise a mulher negra.

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era uma dimensão essencial das relações sociais entre o senhor e a escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão. (DAVIS, 1982, p. 133)

Nesse dissertar sobre as violências sofridas pelas mulheres negras, a autora crítica veementemente alguns dos movimentos sufragistas composto por mulheres brancas que não reconheciam devidamente os abusos vividos pelas mulheres negras, afirmando que “as lutas democráticas da época – em especial o combate pela igualdade das mulheres – poderiam ter sido travadas de modo mais eficiente em associação com o combate pela libertação negra” (DAVIS, 1982, p. 56).

Segundo Marques e Xavier (2018, p. 04) “o fim da primeira onda é marcado por algumas publicações que serviram de base para o início da segunda onda do movimento”. A obra que marcaria a segunda onda seria “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir (1908-1986). O trabalho questionou os papéis sociais que são condicionados a mulher pela sociedade, servindo para as mulheres refletirem o que é ser mulher, pois como já afirmava Beauvoir “Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher”.

A segunda onda do feminismo aconteceu entre os anos de 1960 e 1970, em uma época marcada por várias manifestações, como: os manifestos contra a guerra do Vietnã, as manifestações estudantis etc. Todos esses tensionamentos sociais fizeram ressurgir os ideais feministas, assim, aconteceu a segunda onda do movimento feminista, que teve inicialmente os Estados Unidos e a França como palco principal. As reivindicações das ativistas dessa segunda onda eram focadas nas condições das mulheres no âmbito doméstico e social e nas questões relacionadas aos papéis de gênero. O livro de Beauvoir serviu de inspiração à várias autoras, que produziram obras questionando as causas das desigualdades, o sistema patriarcal, sexualidade, a construção cultural de gênero e como o sistema social oprimia as mulheres. Nesse momento, surgiu uma nova vertente do feminismo: o movimento radical. Vale ressaltar que foi nesse movimento que as discussões como o aborto, a liberdade sexual, a liberdade de escolha da maternidade entraram em pauta.

A terceira onda do feminismo aconteceu a partir da década de 1990. Nesse momento, o movimento passava por várias transformações, pois a explosão dos estudos e pesquisas da segunda onda fizeram as feministas duvidarem do próprio movimento. Algumas integrantes perceberam que os estudos feitos anteriormente só discutiam as experiências que representavam as mulheres brancas da classe média. Assim, as integrantes que não se sentiam contempladas passaram a criticar os estudos produzidos anteriormente. Marques e Xavier (2018, p. 06) esclarecem que assim “inicia-se o processo de desconstrução ‘universal’ da mulher, ou seja, o próprio movimento feminista tratava a vida da mulher de forma coletiva como se todas as mulheres, de todas as classes e raça, tivessem os mesmos problemas, estivessem exposta a mesma forma de opressão”. A partir desse momento, foram desenvolvidas várias correntes feministas, sendo que o feminismo negro era o que tinha maior destaque. As feministas negras começaram a fazer um processo de desconstrução de identidade, se opuseram a se enquadrar em uma realidade que só contemplava as experiências das mulheres brancas de classe média, pois sua realidade e necessidades não eram iguais as das mulheres brancas.

A terceira onda do feminismo foi muito importante para as discussões tratadas na contemporaneidade, pois nela foi percebida que existe um feminismo plural, esse reconhecimento colaborou para que existisse uma maior representatividade das mulheres, considerando suas necessidades e particularidades.

As principais correntes desse movimento são: i) surgidas na primeira onda, o feminismo liberal e o feminismo marxista; ii) originada na segunda onda, o feminismo radical; e, iii) emergida na terceira onda, o feminismo negro.

O feminismo liberal representado pelas mulheres burguesas da classe média. Essa vertente lutava pela igualdade entre homens e mulheres, acreditava que isso só aconteceria quando as mulheres tivessem os mesmos direitos políticos dos homens, acesso à educação e mudanças nas leis que regiam os casamentos.

O feminismo marxista representado pelas mulheres da classe trabalhista do primeiro movimento. A consolidação do capitalismo fez surgir a necessidade de mão-de-obra, assim as mulheres foram incluídas no mercado de trabalho. A revolução industrial fez surgir os movimentos sociais, as mulheres, que participaram da revolução, sentiram a necessidade de se aproximar dos estudos marxistas. Essa corrente acredita que as divisões sociais da sociedade em classes, influencia diretamente as relações sociais, assim, essa vertente entende que a mulher é oprimida pela sociedade, que as modificações nas leis não contribuíram para uma equidade entre homens e mulheres e que, assim, as mulheres continuam sendo sempre situadas atrás dos homens.

O feminismo radical é assim designado pois suas representantes acreditam que para ocorrerem as mudanças, antes, tem que se resolver a raiz dos problemas. Um exemplo disso seria que: para acabar com opressão, antes, tem que exterminar o sistema patriarcal, que é a raiz dos problemas relacionados ao gênero. O movimento também acredita que a luta feminista era para todas as mulheres, independentemente de classes e raças.

O feminismo negro entende que cada mulher tem suas necessidades e especificidades e que elas devem ser consideradas. As feministas negras defendem que a mulher negra sofre uma tripla opressão. Por exemplo, uma mulher negra trabalhadora não tem a mesma realidade de uma mulher branca que exerce a mesma função. Suas pautas combatem o preconceito contra a mulher, o preconceito racial e a tripla opressão social.

Ressaltamos aqui que: a) há outras vertentes, inclusive algumas que, assim como no feminismo negro, entende-se que a representação das mulheres deve considerar suas necessidades, como o movimento feminista lésbico, interseccional, transfemismo entre outras que focam nas necessidades das mulheres; e, b) a compreensão da pluralidade do movimento nos fez empregar o plural (feminismos) e, devido às limitações de tempo e espaço, abordamos as vertentes destacadas pelos estudos consultados, mas não exaurimos todas as vertentes existentes.

Segue esta a seção, os procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

3. Procedimentos metodológicos com vistas ao feminismo de Chimamanda Nigozi Adichie

No intuito de identificar e compreender como o posicionamento feminista da Chimamanda Nigozi Adichie se materializa em suas obras ficcionais e não ficcionais, ancoramos esta pesquisa teórico-metodologicamente na perspectiva Bakhtin Iana de linguagem e na teoria feminista e adotamos como *corpus*: “Sejamos Todos Feministas” (2015), “Para educar crianças feministas: Um manifesto” (2017) e o conto “You in America” (2001).

Esclarecemos a seguir os critérios de seleção do objeto desta pesquisa. Primeiro, escolhemos uma escritora feminista contemporânea que também produzisse obras ficcionais que incidissem sobre o feminismo. Em seguida, selecionamos uma obra literária que foi escrita antes da autora se declarar publicamente como uma feminista, o intuito era observar como o posicionamento dela se materializava nas obras teóricas e não teóricas; e como esse posicionamento feminista já aparecia na sua obra ficcional, mesmo antes dela se enunciar enquanto feminista. Dessa forma, chegamos ao *corpus* de pesquisa supramencionado.

Para a abordagem do *corpus*, em conformidade com a perspectiva bakhtiniana que fundamenta teórico-metodologicamente este estudo, seguimos os passos metodológicos de descrição, análise e interpretação. Assim sendo, primeiramente e respectivamente, descrevemos, analisamos e interpretamos as obras não-ficcionais “Sejam Todos Feministas” (2015) e “Para educar crianças feministas: Um manifesto” (2017) à luz dos estudos feministas, o que possibilitou a compreensão do posicionamento feminista enunciado pela Chimamanda Ngozi Adichie nessas obras. Depois, descrevemos, analisamos e interpretamos o conto “You in America” (2001) com vistas ao entendimento de como o posicionamento feminista da autora já se manifestava nesse texto ficcional. As duas etapas permitiram que alcançássemos nosso objetivo conforme pode ser observado na próxima seção.

4. O feminismo enunciado por Adichie em suas obras de 2001, 2015 e 2017

Nesta seção, descrevemos, analisamos e interpretamos as obras não ficcionais “Sejam todos feministas” (2015) e “Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto” (2017) e o conto “You in America” (2001).

A obra teórica “Sejam todos feministas” (2015) é uma versão modificada/adaptada de uma palestra em TEDxEuston (conferências realizadas com o intuito de disseminar ideias) proferida por Chimamanda Nigozi Adichie. A palestra está disponível na internet e já alcançou a marca de mais de 1 milhão de visualizações. Nela, Adichie traz explicações introdutórias sobre significado de ser feminista, na sua visão, em um enunciado que esclarece o tema desde a primeira página. Em uma linguagem simples e direta, a autora, através de situações já vividas por ela, exemplifica e apresenta o porquê deveríamos tentar diminuir a repulsa que algumas pessoas têm ao termo feminismo, na tentativa de quebrar esses estereótipos.

No livro, a escritora nos conta sobre seu amigo de infância, Okoloma, a primeira pessoa que a chamou de feminista, o que despertou seu interesse pelo assunto. Na época do diálogo, a autora tinha 14 anos. A partir desse momento, nós começamos a perceber que foi nesse dia que a “semente do feminismo foi plantada na autora”, ela foi mostrando seu posicionamento social diante dos valores ideológicos daquela sociedade. Através das narrativas que explicitam sua interação com pessoas que desconhecem e demonizam o feminismo, enfatizando como as pessoas na Nigéria, de modo geral, interpretam o que é ser feminista.

“Sabe de uma coisa? Você é feminista!’ Não era um elogio. Percebi pelo tom de voz dele- era como se dissesse: ‘Você apoia o terrorismo.’ Não sabia o que a palavra ‘feminista’ significava.” (ADICHIE, 2015, p.12).

Um jornalista, um homem bem-intencionado, veio me dar um conselho (Talvez vocês saibam que os nigerianos estão sempre prontos a dar conselhos que ninguém pediu). Ele comentou que as pessoas estavam dizendo que o meu livro era feminista. Seu conselho - disse, balançando a cabeça com o ar consternado.- era que eu nunca, nunca me intitula-se feminista, já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido. (ADICHIE, 2015, p.13)

“Uma grande amiga me disse que, se eu era feminista, então deveria odiar os homens.” (2015, p.14). Posteriormente, ela vai explicando como esses enunciados carregados de valores ideológicos sexistas/machistas vão se refratando e refletindo nas suas interações durante toda sua vida, como veremos nos fragmentos a seguir:

Quando eu estava no primário. Em nisso, Nsukka, uma cidade universitária no sudoeste da Nigéria, no começo do ano letivo a professora anunciou que iria dar uma prova e quem tirasse a nota mais alta seria monitor da classe. Ser monitor era muito importante, ela podia. Ele podia anotar, diariamente, o nome dos colegas baderneiros, o que por si só já tem um poder; além disso, ela podia circular pela sala empunhando uma vara, patrulhando a turma do fundão. É Claro que o monitor não podia usar a vara. Mas era uma ideia empolgante para uma criança de nove anos como eu. Eu queria muito ser monitorada minha classe e teria a nota mais alta. Mas, para a minha surpresa, a professora disse que o monitor seria um menino. Ela havia se esquecido de esclarecer esse ponto e achou que fosse óbvio (ADICHIE, 2015, p.16)

Já na vida adulta, a autora narra um episódio que aconteceu em Lagos, Nigéria, quando foi dar gorjeta a uma homem que estacionou seu carro:

Abri a bolsa, peguei o dinheiro e dei e ele feliz e grato, pegou meu dinheiro, olhou para o meu amigo e disse, muito obrigado, senhor. Surpreso, Luís me perguntou por que ele está me agradecendo? Não fui eu quem deu dinheiro, percebi então pela expressão do meu amigo que a ficha tinha caído para flanelinha. Qualquer dinheiro que eu pudesse ter, certamente provinha de Luís, porque Luís é homem (ADICHIE, 2015, p.19)

Adichie (2015, p. 44) prossegue refletindo sobre as diferenças biológicas das mulheres e dos homens e como o patriarcalismo sempre coloca os homens no topo da pirâmide social, chegando a conclusão que hoje “Os homens não pensam na questão do gênero. Nem notam que ela existe, muitos homens como o meu amigo Luís, dizem que as coisas eram ruins no passado, mas que agora está tudo bem. Muitos não fazem nada para mudar a situação das coisas.” A escritora discorre sobre como é perigoso o fato de não se discutir as questões de gênero, como isso é cristalizado nos discursos que oprimem, silenciam e invisibilizam o sujeito social feminino. Ela apresenta várias histórias para justificar seu ponto de vista, histórias de mulheres que sofreram violência sexual, violência doméstica etc. E explica que os homens também são prejudicados, pois são criados e educados dentro de um sistema que delega uma função social para eles. Assim, eles são ensinados a serem sempre fortes, a esconderem sua dor entre outras

questões que acabam prejudicando a sua visão de mundo, o seu agir social e o aspecto psicológico dos homens no geral.

O segundo livro a ser analisado é “Para educar crianças feministas: um manifesto” (2017). Nesta obra, e assim como no livro *Sejamos todos feministas*, a autora continua tendo como temas centrais: gênero, feminismo e estereótipos. Podemos afirmar que eles se complementam, de alguma forma, pois tratam de temas transversais uns aos outros, como foi supracitado, além disso contam as histórias sobre o desenvolvimento da identidade feminista enunciada pela autora.

“Para educar crianças feministas: um manifesto” foi escrito em forma de carta destinada para uma amiga que acabara de ter uma menina. A mãe de primeira viagem estava preocupada com a forma de criar sua filha e pede a autora dicas de como educar uma criança com ideais feministas. No começo, Adichie (2017) afirma que não sabia, mas depois produz uma carta para a amiga com 15 sugestões de como criar uma criança feminista.

Logo no início da obra já percebemos uma das características da escrita da autora: sua linguagem fácil e acessível. O diálogo entre as amigas é mais uma conversa entre a autora e o leitor. Em algumas ocasiões a mesma faz comparações com a sua vida atual, pois ela também se tornou mãe. “Agora eu também sou mãe de uma menininha encantadora e percebo como é fácil dar conselhos para os outros criarem seus filhos, sem enfrentar na pele essa realidade tremendamente complexa” (2017, p. 5). Na sequência, a autora defende que o feminismo é sempre uma questão de contexto:

Não tenho nenhuma regra. A coisa mais próxima disso são minhas duas ‘Ferramentas Feministas’, que vou dividir com você como ponto de partida. A primeira é a nossa premissa, a convicção firme e inabalável da qual partimos. Que premissa é essa? Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor. E ponto final. A segunda ferramenta é uma pergunta: a gente pode inverter X e ter os mesmos resultados? Por exemplo: muita gente acredita que, diante da infidelidade do marido, a reação feminista de uma mulher deveria ser deixá-lo. Mas acho que ficar também pode ser uma escolha feminista, dependendo do contexto. (ADICHIE, 2017, p.07)

Adichie (2017) discorre sobre a importância de ser uma pessoa completa, sem renunciar uma coisa por outra. Se possível tenha as duas. E continua seu raciocínio ao afirmar que ser mãe não impede a mulher de trabalhar e vice-versa. Ela também reflete sobre a importância de não renunciar a nada. Essa concepção da autora ecoa o que advogam outras autoras feministas, pois busca fazer sua amiga entender que ela não nasceu só para ser mãe e que isso é um pensamento difundido pelo sistema patriarcal, no qual a mulher nasce para exercer papéis sociais específicos, conforme demonstra o trecho a seguir “*Nunca se desculpe por trabalhar.*

Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que se dá à sua filha”. A esse respeito, Pereira (2019, p. 01) explica que “o patriarcado ainda tem muita influência na sociedade e, ainda destina às mulheres ‘papéis’ vinculados ao ambiente privado como os afazeres domésticos e os cuidados com a educação dos filhos”. Assim, ao afirmar “Nunca se desculpe por trabalhar. Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que se dá à sua filha”, a autora indicia que as mulheres não devem carregar culpa por trabalhar, o que faz de forma bastante enfática ao utilizar o advérbio “nunca” que modifica o verbo “desculpar” no imperativo. A ênfase aqui é necessária já que há uma luta contra a concepção patriarcal de que as mulheres devem se ocupar exclusivamente dos afazeres domésticos e criação dos filhos.

Diante do que foi percorrido nas descrições e análises das obras em questão, percebemos que a autora tem três características importantes que se repetem nas duas obras e contribuem para o entendimento do feminismo enunciado por Chimamanda Ngozi Adichie: explicar e [re]educar. Na primeira obra “Sejamos Todos Feministas” ela explica como o seu posicionamento feminista se desenvolveu, de uma forma linear em uma linguagem simples, através da sua relação com os “outros” (personagens). Na segunda obra, “Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto” ela explica qual é o seu posicionamento em relação ao “outro” utilizando, novamente, uma linguagem “simples” e acessível. Nas duas obras, ela tenta “[re]educar seus leitores” para que eles sejam sujeitos críticos e reflexivos e atuem no mundo de forma consciente, na tentativa de construir uma sociedade saudável e justa. Existe sempre a questão do informar e [re]educar utilizando a linguagem simples, mas carregada de sentidos ideológicos. Essa questão da linguagem acessível já foi debatida por outra autora altamente renomada, a saber: Bell Hooks (1952-2021), ativista negra norte-americana do movimento antirracista e feminista. Hooks, em seu livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” (2018), mais precisamente no capítulo 1 “Introdução: aproxime-se do feminismo”, discute sobre a importância de usar uma linguagem mais simples nas obras feministas, pois nem todos entendem a linguagem acadêmica. Se o feminismo é para todos a linguagem utilizada para explica-lo também deve ser.

Todas as vezes que saio de um desses encontros, tenho vontade de ter em mãos um livreto, para que eu possa dizer “leia este livro e ele te dirá o que é feminismo, sobre o que é o movimento”. Quero ter nas mãos um livro conciso, fácil de ler e de entender, não um livro longo, não um livro grosso com jargão e linguagem acadêmica difíceis de compreender, mas um livro direto e claro – fácil de ler, sem ser simplista. Desde o momento em que pensamento, políticas e práticas feministas mudaram minha vida, quis ter esse livro. Tive vontade de entregá-lo ao pessoal que amo, para que entendam melhor essa causa, essas políticas feministas nas quais acredito profundamente, e que é a base da minha vida política.(HOOKS, 2018, p.13)

Outro ponto em que as obras de Adichie e a de Hooks convergem é sobre conscientização coletiva, sobre [re]educar as pessoas para quebrar os esterótipos que circundam o conceito de feminismo

Eu queria que tivessem uma resposta para a pergunta “o que é feminismo?” que não fosse ligada nem a medo nem a fantasia. Queria que tivessem esta simples definição para ler repetidas vezes e saber que: “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.” Adoro essa definição, que apresentei pela primeira vez há mais de dez anos em meu livro *Feminist Theory: From Margin to Center*. ** Adoro porque afirma de maneira muito clara que o movimento não tem a ver com ser anti-homem. Deixa claro que o problema é o sexismo. E essa clareza nos ajuda a lembrar que todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens..(HOOKS, 2018, p.13)

Concluimos que as obras não ficcionais da autora mostram que o pilar central do seu posicionamento feminista é a luta pela conscientização social coletiva em prol do fim das desigualdades de gênero e outras mazelas sociais.

Após termos interpretado o posicionamento feminista enunciado por Chimamanda Ngozi Adichie em seus textos não ficcionais, seguimos com a descrição, análise e interpretação de seu texto ficcional, o conto “You in America” (2001). Esse conto foi publicado originalmente na *Zoetrope: All-Story*, revista literária americana lançada em 1997 por Francis Ford Coppola, no ano de 2001, na edição de número 38. Em 2002, o conto rendeu a Chimamanda Ngozi Adichie à indicação para o Prêmio Caine. Há atualmente a disponibilidade do conto traduzido online, como no Portal Geledés (em <https://www.geledes.org.br/traducao-do-conto-voce-na-america-de-chimamanda-ngozi-adichie/>).

O conto narra a história de uma jovem mulher imigrante nigeriana nos EUA, relatando as dificuldades que a personagem vivencia, os problemas sociais, migratórios, a vulnerabilidade da mulher africana especificamente num contexto de imigração entre a Nigéria e os Estados Unidos, os estereótipos etc. O título faz referência a essas várias situações conflitantes que essa mulher vai enfrentar. As primeiras palavras da personagem já mostram seu desalento em estar em um país tão diferente do seu, talvez ela tenha caído no *ethos* do “American Dream” e agora percebesse que tudo não passava de um sonho.

“Você achava que todo mundo na América tinha um carro e uma arma. Seus tios e tias e primos achavam também. Logo depois que você ganhou na loteria do visto americano, eles te disseram: ‘Em um mês você terá um carrão. Em breve, um casarão’.”

A autora escreveu o conto da perspectiva de uma jovem africana que sai da sua zona cultural para construir uma vida. No decorrer do conto, percebe-se que ela não nomeia os

personagens, porque não há importância em saber desses elementos alegóricos, ou acessórios da trama, é necessário o conhecimento dos fatos, dos sentidos, das emoções que a obra causa no leitor.

O foco narrativo é em segunda pessoa, esse tipo de narrador, de acordo com a narratologia, narra a cena do ponto de vista de um só personagem, usa os pronomes de tratamento em vez do nome do personagem que conta a história. Nesse conto, o pronome de tratamento “você” foi utilizado 120 vezes, e a medida que se aproximava do final, mais ele era usado. É como se a autora dissesse para cada mulher que foi oprimida e que leu a obra: “você não está sozinha, eu estou aqui!”, “Você vai superar tudo isso! Estou vendo seu sofrimento!”. Outro fator linguístico é que a autora vai brincando com os tempos verbais no decorrer do conto, e isso vai criando uma fluidez, ora estão no pretérito perfeito, ora no imperfeito. Ela usa as palavras para criar novos sentidos/significados, para deixar o conto mais fluido. Segundo Sobral e Giacomelli (2016, p.3)

(...) Para ADD, a língua tem significação, que é o significado das palavras e expressões no sistema da língua, enquanto o discurso cria sentido, ou seja, faz as palavras e a língua irem além dos significados registrados no dicionário e dizer coisa que somente o contexto mostra(...) ninguém usa as mesmas palavras exatamente da mesma maneira em todas as situações, e cada qual, numa mesma situação, pode usá-las de maneira distinta, a depender do seu projeto de dizer, aquilo que pretendem realizar ao dizer.

Assim, esse foco narrativo aproxima o leitor do autor, cria a ilusão que o narrador está falando diretamente com o ele, que seria um personagem. Percebe-se esse foco narrativo foi escolhido estrategicamente pela autora, que nas suas obras cria utiliza elementos linguísticos para falar diretamente com o leitor, assim possibilitando que seu destinatário sinta o medo, a insegurança, a fragilidade de uma mulher negra africana que está fora da sua realidade de vida. A empatia e a sororidade são qualidades que fazem parte do posicionamento feminista da autora e são expressadas nas suas obras teóricas e ficcionais, colaborando para um despertar da visão crítica do leitor.

Em relação ao desenvolvimento do posicionamento feminista da autora, ao longo de todo o conto nós podemos observar que ele já era enunciado, como podemos observar nos fragmentos a seguir:

No primeiro fragmento, a autora aborda a violência sexual vivida pela personagem e a apropriação do corpo da mulher, que é um reflexo do que acontece na realidade. O conto faz uma denúncia contra esse tipo de atitude. Transcrevemos a seguir um excerto que ilustra o que argumentamos aqui.

Até que seu tio entrou no porão estreito onde você dormia com velhos baús e rodas e livros e agarrou os seus seios, como se ele estivesse colhendo mangas de uma árvore, gemendo. Ele não era mesmo seu tio, ele era na verdade um primo distante do marido da sua tia, não parente de sangue. (ADICHIE, 2001, s.p.)³

No segundo fragmento temos a objetificação da figura feminina em que o sistema patriarcal condiciona a mulher a um lugar de inferioridade, no qual o homem está sempre no topo da pirâmide social, como pode se ver em:

Enquanto você fazia suas malas naquela noite, ele sentou na sua cama – era a casa dele afinal – e riu e disse que você não tinha para onde ir. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. Mulheres inteligentes faziam isso o tempo inteiro. Como você acha que aquelas mulheres lá em Lagos com trabalhos que pagam bem conseguiram? Ou mesmo as mulheres em Nova Iorque? (ADICHIE, 2001, s.p.)⁴

No terceiro corte, nós temos o empoderamento dessa mulher, que apesar da violência a que foi acometida não se entregou. Nesse momento, a personagem simboliza o poder da resistência feminina da luta contra o sistema machista e sexista, a partir do momento que ela vai embora e sai desse lugar de opressão. O ir embora da personagem é enunciado em: “Você acabou em Connecticut, numa outra cidade pequena, porque era o ponto final do ônibus Bonanza em que você subiu. Bonanza era o ônibus mais barato” (ADICHIE, 2001, s.p.)⁵.

A autora mostra que em todos os lugares as mulheres sempre sofrem algum tipo de violência, seja ela verbal ou física, sempre havendo um tio, um cara em um bar ou um patrão. No decorrer do conto, a personagem vai travando vários embates ideológicos, a cada momento encontra um problema diferente, como a dupla opressão que sofreu por ser mulher e negra, em que teve que aceitar ganhar menos que os outros funcionários e se sentiu invisibilizada, ilustramos esse aspecto do conto com a transcrição do segmento que segue.

Você entrou em um restaurante por perto e disse que trabalharia por dois dólares menos que as outras garçonetes. O dono, Juan, tinha um cabelo pintado de preto e sorriu mostrando um brilhante dente amarelo. Ele disse que nunca tinha tido uma empregada nigeriana, mas que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia, já tinha passado por isso. Ele te pagaria um dólar a menos, mas por debaixo dos panos.

³ Disponível em português em: < em <https://www.geledes.org.br/traducao-do-conto-voce-na-america-de-chimamanda-ngozi-adichie/>>. Acesso em 30/05/2022.

⁴ Disponível em português em: < em <https://www.geledes.org.br/traducao-do-conto-voce-na-america-de-chimamanda-ngozi-adichie/>>. Acesso em 30/05/2022.

⁵ Disponível em português em: < em <https://www.geledes.org.br/traducao-do-conto-voce-na-america-de-chimamanda-ngozi-adichie/>>. Acesso em 30/05/2022.

Ele não gostava de todos os impostos que eles estavam fazendo ele pagar. (ADICHIE, 2001, s.p.)⁶

No quarto fragmento, temos, novamente, a representação do empoderamento feminino, a mulher saindo do lugar de silêncio. A personagem exprime sua indignação quando percebe que o namorado ficou em silêncio diante da dupla opressão que ela sofreu, como pode se ler em: “Finalmente você disse para ele porque estava chateada, porque o homem chinês pressupôs que você nunca poderia ser a namorada dele, e ele sorriu e não disse nada” (ADICHIE, 2001, s.p.)⁷.

Chegamos, por tanto, ao fim das descrições e análises das obras não ficcionais e ficcionais da Chimamanda Ngozie Adichie supracitadas. Nosso objetivo era observar se a obra ficcional da autora já evidenciava seu posicionamento feminista existente nas obras teóricas. Para isso, nós estabelecemos relações entre os movimentos feministas citados aqui, na seção 2; o posicionamento feminista da Chimamanda Ngozie, encontrado nessa análise, e o que ela já abordava nas suas obras atuais. Assim, concluímos que o posicionamento feminista da autora já aparecia no conto analisado, mas menos amadurecido do que é hoje. A autora foi amadurecendo seu entendimento do que é ser mulher e do que é ser uma mulher feminista, o que inclusive culminou com seus enunciados em que se posiciona explicitamente enquanto feminista (caso das obras não ficcionais e que são posteriores ao conto ficcional analisado).

Aqui, nós trazemos o conceito de sujeito em Bakhtin: que seria um ser social que tem voz, é formado por outras vozes (enunciados) e responde à todas elas, indo além do sujeito puramente biológico. Chimamanda foi moldada por essas vozes (discursos), vozes das feministas que vieram antes e depois dela, e responde à elas com o seus discursos, marcando-se no tempo espaço através dos seus enunciados concretos (suas obras).

Com isso, concluímos que o seu posicionamento está centrado na luta pela igualdade entre os gêneros em busca de uma sociedade saudável e igualitária, essa e a concepção de feminismo que ela trabalha. “A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz ‘sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE, 2015, p. 50).

Nas suas obras encontramos o reflexo das pautas discutidas em todas as ondas do feminismo, por exemplo, o do feminismo radical, que como foi explicado na seção 2:

⁶ Disponível em português em: < em <https://www.geledes.org.br/traducao-do-conto-voce-na-america-de-chimamanda-ngozi-adichie/>>. Acesso em 30/05/2022.

⁷ Disponível em português em: < em <https://www.geledes.org.br/traducao-do-conto-voce-na-america-de-chimamanda-ngozi-adichie/>>. Acesso em 30/05/2022.

acreditavam que para ocorrerem as mudanças, antes, tem que se resolver a raiz dos problemas, Chimamanda também acredita nisso. Para ela, a raiz do problema seria a conscientização coletiva, assim ela trabalha em prol de uma sociedade igualitária onde “sejamos todos feministas”.

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de identificar e compreender como o posicionamento feminista da Chimamanda Ngozi Adichie se materializava nas suas obras não ficcionais “Sejamos Todos Feministas” (2015), “Para Educar Crianças Feministas: Um manifesto” (2017) e na ficcional “You in America” (2001). Para cumprir com tal propósito, dividimos essa pesquisa em quatro seções. Na primeira, nos fizemos o percurso histórico para mostrar o surgimento do círculo bakhtiniano, seu contexto histórico e alguns dos seus conceitos-chave. Em seguida, relatamos sobre as dificuldades que retardaram a divulgação de suas produções, na Rússia e no Brasil. Na segunda sessão, Nós discorremos sobre o surgimento do movimento feminista, suas reivindicações e as três ondas feministas. Posteriormente, no terceiro capítulo, explicamos como seria aplicado os procedimentos metodológicos da Análise Dialógica do Discurso nas obras em questão. Por fim, na última seção, descrevemos analisamos e interpretamos as obras teóricas e a ficcional para observarmos o posicionamento da autora e como esse posicionamento já aparecia no conto. A partir das análises e das discussões feitas é possível agora responder à perguntas da pesquisa afirmando que o posicionamento feminista da autora nas obras teóricas defende que as questões de gênero são importantes, que é preciso [re]educar crianças, homens e mulheres para que haja uma sociedade mais justa e igualitária, que o feminismo é para todas as pessoas. Em relação ao seu posicionamento feminista no conto é possível afirma que ele já estava presente, uma vez que várias questões relacionadas à opressão femininasão narradas, sendo o seu conto uma denúncia as violências vivenciadas por mulheres.

Referências

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, C. N. You in America, **Zoetrope**: All-Story Extra, [s. l.], n. 38, Winter 2001. Disponível em: www.all-story.com/extra/issue38/index.html. Acesso em: 30 maio 2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BOENAVIDES, D. L. P. Publicação e recepção das obras do Círculo de Bakhtin no Brasil: a consolidação da análise dialógica do discurso. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 104-131, 2022. Disponível em: www.scielo.br/j/bak/a/XX4t3D6JCNpXSkTPCFfLtnJ/?lang=pt. Acesso em: 21 fev. 2024.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2016.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARQUES, M. C.; XAVIER, K. R. L. A gênese do movimento feminista e sua trajetória no Brasil. In: SEMINÁRIO CETROS, 6., 2018, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2018. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51237-16072018-192558.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. **Revista Diálogos**, Cuiabá, v. 8, n. 3, p. 132-151, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 21 fev. 2024.

PEREIRA, G. F.; VERIDIANO, L. I. C.; ELIOTÉRIO, V. M.; SOUZA, C. R. de C. de. A influência da estrutura patriarcal na construção da emancipação feminina na sociedade contemporânea. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA, 22., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2019. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/1339>. Acesso em: 22 maio 2022.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso— ADD. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 21 fev. 2024.